

MATERIAL ESTRUTURADO

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO
BÁSICA E PROFISSIONAL

GERÊNCIA DE CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
GERÊNCIA DE ENSINO MÉDIO



2ª Série | Ensino Médio

Língua Portuguesa

5ª. SEMANA

- 3ª fase do Romantismo no Brasil;
- Elementos da textualidade.

DESCRIPTOR PAEBES	D017_P: Reconhecer o gênero de um texto. D043_P: Reconhecer recursos estilísticos utilizados na construção de textos. D024_P: Reconhecer efeito de humor ou de ironia em um texto. D030_P: Reconhecer os elementos que compõem uma narrativa e o conflito gerador.
HABILIDADE DO CURRÍCULO RELACIONADA AO DESCRIPTOR	EM13LP49a/ES Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários [...] para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura. EM13LP44 Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital (<i>advergame</i>, anúncios em vídeos, social <i>advertising</i>, <i>unboxing</i>, narrativa mercadológica, entre outras), e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes, folhetos, anúncios, propagandas em diferentes mídias, <i>spots</i>, <i>jingles</i> etc.), identificando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, desconstruindo estereótipos, destacando estratégias de engajamento e viralização e explicando os mecanismos de persuasão utilizados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros. EM13LP01 Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações. EF69LP03 Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens, o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem; em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.
HABILIDADE OU CONHECIMENTO PRÉVIO	*Identificar as características próprias de gêneros textuais distintos: interlocutores, contexto, função social, finalidade; *Inferir a expressividade e a subjetividade do autor; *Extrair ambiguidades e críticas a partir da leitura de anedotas, crônicas, charges, tirinhas, dentre outros; *Identificar elementos do enredo por meio de leituras de textos narrativos.

LÍNGUA PORTUGUESA



APRESENTAÇÃO DO TEMA

Terceira geração romântica no Brasil: a poesia social

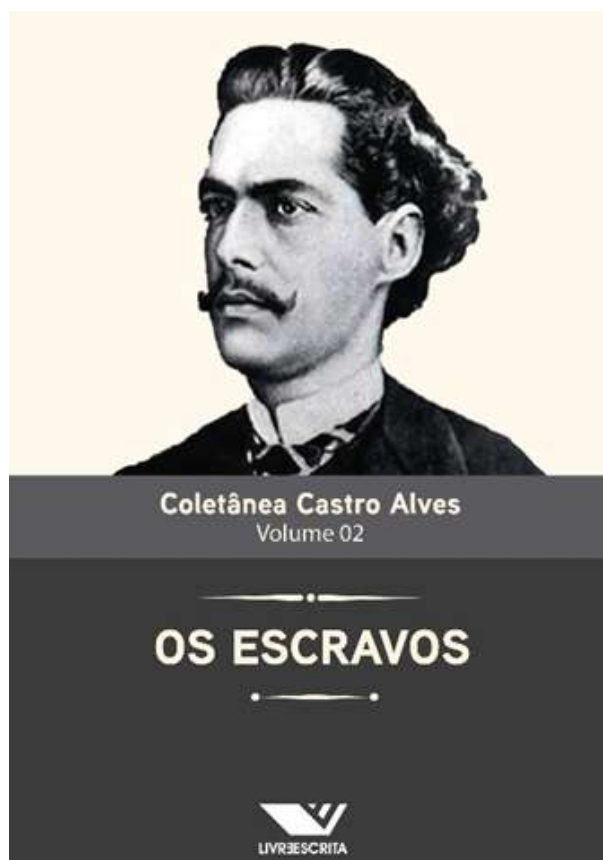
De modo geral, costuma-se dividir o Romantismo em três correntes: a nacionalista, marcada pelo poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, na poesia, e pelo romance Iracema, de José de Alencar, na prosa; a ultrarromântica, em que a subjetividade exacerbada do “eu” se debatia diante da morte ou da nostalgia da infância, como em Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu; e a **corrente condoreira**, representada pelos versos de **Castro Alves** e sua visão crítica sobre a realidade brasileira escravocrata.

Em um contexto tão complexo como o dos anos 1800, em que a campanha abolicionista corria nos meios intelectuais, associações e jornais, e grupos radicais auxiliavam na fuga de escravizados, começava a perder sentido uma poesia voltada para o “eu” atormentado dos poetas. Eram outros tempos, que exigiam outras literaturas.

Os poetas da terceira geração romântica — Castro Alves (que estudaremos a seguir), Tobias Barreto, Luiz Gama, Pedro Luís, Pedro Calasãs, entre outros — filiaram-se a uma corrente denominada condoreira ou hugoana. A palavra “condoreira” está associada à imagem do condor-dos-andes, pássaro que voa muito alto e representa a liberdade da América. Já a palavra “hugoana” é referência ao escritor francês Victor Hugo, autor de obras de cunho social, como o romance “Os miseráveis”.

3ª GERAÇÃO DO ROMANTISMO NO BRASIL

Castro Alves: “o poeta dos escravos”



Castro Alves (1847-1871) representou para o negro o papel que Gonçalves Dias teve para o indígena na primeira geração. O autor baiano compartilhava com os intelectuais de sua época um sentimento humanitário em relação ao sofrimento dos escravizados. Em seus populares poemas abolicionistas, colocase na posição de orador grandiloquente (enfático), verdadeiro porta-voz de um povo sofredor. Para isso, lança mão de hipérboles, personificações, antíteses, metáforas, apóstrofes (chamamento do interlocutor, real ou não), entre outros recursos de linguagem.

Os poemas “O navio negreiro” e “Vozes d’África”, ambos presentes na coletânea “Os escravos”, são os mais representativos dessa faceta social de Castro Alves. No primeiro, os tons épico e lírico se misturam para abordar o desumano transporte dos escravizados para a América. O segundo é um apelo da África, que aparece personificada, ao Criador para que faça cessar a exploração de seus filhos: “Há dois mil anos eu soluço um grito... / escuta o brado meu lá no infinito, / Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...”

O Navio Nегreiro: análise



O Navio Nегreiro é uma poesia dividida em seis partes e se encontra dentro da obra “Os Escravos”. Sua metrficação é variada e acompanha o tema que se segue no texto. Isso dá um efeito para a poesia de unidade entre a forma e o conteúdo.

Primeira parte

O céu e o mar como infinitos que se aproximam tanto pela cor azul como pelo amplo espaço são os lugares centrais da poesia. No meio dessa infinitude é que se encontra o barco, que navega com o vento e com o esforço dos homens queimados de sol.

*“Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!”*

O poeta observa essa cena com amor e com simpatia pela travessia poética do barco. Ele quer se aproximar do navio que cruza o mar, mas o navio foge do escritor.

Segunda parte

O poeta começa a imaginar de que nação é aquele barco que segue em alto-mar. Mas, na realidade, isso não faz muita diferença. Todo navio no oceano é cheio de poesia e de saudades. Cada nação tem um canto diferente: os espanhóis se lembram das belas mulheres da Andaluzia e os gregos dos cantos de Homero.

*“Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.”*

Terceira parte

Através dos olhos do Albatroz, o poeta consegue se aproximar do navio e observar o que acontece lá. Para a sua surpresa, o canto não é de saudades ou de poesia, mas sim um canto fúnebre e o que se vê no navio é vil.

“Desce do espaço imenso, ó águia do oceano! Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano Como o teu mergulhar no brigue voador! Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras! É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ... Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!”

Quarta parte

O poeta descreve a horrível cena que se passa no convés do navio: uma multidão de negros, mulheres, velhos e crianças, todos presos uns aos outros, dançam enquanto são chicoteados pelos marinheiros. A descrição é longa, feita em seis estrofes.

As principais imagens são as dos ferros que rangem formando uma espécie de música e da orquestra de marinheiros que chicoteiam os escravos. A relação entre a música e a dança com a tortura e o sofrimento dão uma grande carga poética à descrição da cena. No final, quem ri da dança insólita é o próprio Satanás, como se aquele fosse um show de horrores feito para o diabo.

Faça uma leitura silenciosa do texto abaixo e depois releia-o em voz alta:

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas,
espantadas,
No turbilhão de espectros
arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra irônica,
estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão
resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,

E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro
enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica,
estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual um sonho dantesco as
sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces
ressoam!
E ri-se Satanás!

ALVES, Castro. In: GOMES, Eugênio (org.).
Castro Alves: obra completa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1997

Dantesco: relativo ao poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321), que descreveu em seus poemas os horrores do Inferno cristão. **Tombadilho:** a parte mais elevada de um navio. **Luzernas:** aberturas para insolação e iluminação feitas no teto dos espaços onde ficavam os escravizados. **Doudas:** doidas. **Rijo:** rígido.

Quinta parte

O poeta mostra a sua indignação perante o navio negreiro e roga à Deus e à fúria do mar para que acabe tal infâmia. A primeira estrofe é repetida no final, como se o pedido fosse reforçado pelo poeta.

*“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...”*

No meio da quinta parte, as imagens da liberdade no continente africano são intercaladas com a prisão no navio negreiro. A noite escura e aberta da savana se transforma num porão escuro, cheio de doenças e de morte. **As condições desumanas do transporte de escravos são descritas de forma poética**, realçando a desumanização deles.

Sexta parte

O poeta questiona qual a bandeira que hasteada nesse navio é a responsável por tal barbaridade. É uma retomada da segunda parte do poema. Se antes a bandeira não importava, pois o que se ouvia era a poesia e o canto, agora ela é essencial diante do sofrimento que o navio carrega.

O que se vê hasteada é a bandeira do Brasil, pátria do poeta. O **sentimento de desapontamento** é grande, ele realça as qualidades do seu país, a luta pela liberdade e toda a esperança que reside na nação e que agora é manchada pelo tráfico de escravos.

*“Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...”*

Significado

O poema de Castro Alves é uma pequena narrativa sobre o tráfico de escravos entre África e o Brasil. O elemento poético reside nas imagens e nas metáforas encontradas ao longo do poema, principalmente na quarta parte, onde a tortura dos escravos é descrita.

A beleza e a infinitude do mar e do céu são colocadas em cheque com a barbárie e a falta de liberdade nos porões do navio negreiro. Como se fosse incompatível toda a beleza do oceano com a escuridão que se passa no navio. Uma das características do poema é o universalismo. Quando a viagem é feita pela aventura ou pelo comércio, as bandeiras e as nações não são importantes. Elas só se tornam relevantes quando o objetivo da navegação é cruel.

A crítica do tráfico de escravos não impede o patriotismo do poeta. **É o seu patriotismo que leva à crítica.** A sua visão do Brasil como um lugar de liberdade e do futuro é incompatível com a escravidão. Mesmo sendo um liberal, Castro Alves não deixa de lado a religiosidade, clamando a Deus uma intervenção divina no tráfico negreiro.

POR DENTRO DO NAVIO NEGREIRO

Os donos dos navios negreiros ganhavam pelo número de escravizados transportados. Por isso, abarrotavam seus navios com o maior número de pessoas possível, sem preocupação com conforto, segurança ou higiene. No início desse tráfico, o espaço destinado aos negros eram os porões. No entanto, como o número de pessoas escravizadas sempre aumentava, a partir do século XVII, começaram a construir navios muito maiores e específicos para isso, com até três andares. Nesses navios, as pessoas eram organizadas conforme suas características, por exemplo: homens adultos, meninos e rapazes ocupavam o andar inferior da embarcação; já mulheres grávidas e crianças menores eram colocadas no piso superior. A superlotação e as péssimas condições de viagem tinham como consequência a morte de muitas pessoas.

A POESIA LÍRICA

Duas vertentes se distinguem na poesia de Castro Alves: a feição lírico-amorosa, mesclada de forte sensualidade, e a feição social e humanitária, em que alcança momentos de fulgurante eloquência épica. Como poeta lírico, caracteriza-se pelo vigor da paixão, a intensidade com que exprime o amor, como desejo, frêmito, encantamento da alma e do corpo, superando o negaceio de Casimiro de Abreu, a esquivação de Álvares de Azevedo, o desespero acuado de Junqueira Freire. A grande e fecundante paixão por Eugênia Câmara percorreu-o como corrente elétrica, reorganizando sua personalidade, inspirando alguns dos seus mais belos poemas de esperança, euforia, desespero, saudade. Outros amores e encantamentos constituem o ponto de partida igualmente concreto de outros poemas.

Veja o exemplo abaixo:

Amar e ser amado

*Amar e ser amado! Com que anelo
Com quanto ardor este adorado sonho
Acalentei em meu delírio ardente
Por essas doces noites de desvelo!
Ser amado por ti, o teu alento
A bafejar-me a abrasadora frente!
Em teus olhos mirar meu pensamento,
Sentir em mim tu'alma, ter só vida
P'ra tão puro e celeste sentimento:
Ver nossas vidas quais dois mansos rios,
Juntos, juntos perderem-se no oceano —,
Beijar teus dedos em delírio insano
Nossas almas unidas, nosso alento,
Confundido também, amante — amado —
Como um anjo feliz... que pensamento!?*

Após perder o pai em 1866, conheceu a atriz portuguesa Eugênia Câmara, com quem teve um dos romances mais conhecidos de nossa literatura. A paixão pela atriz dez anos mais velha foi muito importante para a construção de sua lírica, caracterizada pela ruptura com a poesia romântica das gerações anteriores, tão marcada pela idealização amorosa e pelo nacionalismo ufanista.

A atriz Eugênia Câmara

***No dia seguinte ao de uma vaia
sofrida no Teatro Santa Isabel, no
Recife***

*HOJE ESTAMOS unidos a adorar-te
Tu és a nossa glória, a nossa fé,
Gravitar para ti é levantar-se,
Cair-te às plantas é ficar de pé!...*

*Ontem a infâmia te cobria de lama
Mas pra insultar-te se cobriu de pó! ...
Miseráveis que ferem a fraqueza
De uma pobre mulher inerme, só!*

*Tu és tão grande como é grande o gênio
És tão brilhante como a própria luz,
Dentre os infames do calvário d'arte,
Tu foste o Cristo, foi o palco a cruz! ...*

*Mas estamos unidos a adorar-te!
Tu és a nossa glória, a nossa fé!
Gravitar para ti é levantar-se,
Cair-te às plantas é ficar de pé!*

Em 1869, já abatido pelo rompimento com a atriz Eugênia Câmara, feriu-se com um tiro acidental de espingarda durante uma caçada, evento que culminou com a amputação de seu pé esquerdo. A saúde, que já era frágil, ficou definitivamente comprometida e, para cuidar da tuberculose, regressou para a Bahia, onde produziu seus mais belos versos, inspirado por um amor platônico pela cantora italiana Agnese Trinci Murri. Em 1870, foi editada sua obra-prima, o livro *Espumas flutuantes*, o único publicado enquanto o poeta estava vivo.

ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE

“Textualidade ou textura é o que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de frases e palavras. A sequência é percebida como um texto quando aquele que o recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global (Koch; Travaglia, 1993).”

A produção textual é uma interação entre sujeitos com objetivos sociocomunicativos, sendo a comunicação o principal. Produzir um texto é lidar com várias situações relevantes, tais como: expectativa, crenças, as mais diversas visões de mundo, pré-conhecimentos, pressuposições, convicções, entre outras. E, ao considerar todas essas situações, o produtor usa o texto como instrumento mediador para atingir a sua principal meta, a de comunicar. O texto precisa ser visto como uma unidade de “[...] sentido, necessitando para isso de uma situação discursiva, de interlocutores, das categorias de espaço e tempo e de um propósito claro e definido; e de elementos da linguagem, analisados em sua visão global, especificada pela análise vocabular e referencial” (SANTOS, 2013, p.56).

De acordo com Dressler e Beaugrande, existem dois conjuntos de elementos, que são encarregados pela textualidade de todos os discursos:

- 1) Elementos semânticos (coesão e coerência);
- 2) Elementos pragmáticos (aceitabilidade, intencionalidade, informatividade, situacionabilidade e intertextualidade).

1. ELEMENTOS SEMÂNTICOS

I. Coesão

É a materialização da coerência, por meio dos elementos conectivos (conjunções, pronomes, preposições, etc.), responsáveis por estabelecer e caracterizar a natureza das relações entre as ideias do texto. O texto que apresenta muitas informações, mas não estabelece relações linguísticas entre elas, acaba deixando as frases soltas e o sentido total comprometido.

Exemplos de coesão inadequada:

- Os legumes são importantes para manter uma alimentação saudável. As frutas também são importantes para manter uma alimentação saudável;
- Hoje é o aniversário da minha vizinha. Minha vizinha está fazendo 35 anos.

II. Coerência

Trabalha no aspecto lógico, semântico e cognitivo do texto. Ela é a propriedade que garante a construção de um novo sentido, a partir das relações entre diferentes ideias e conceitos utilizados. Um texto coerente apresenta ideias conectadas e explicadas, bem como evita contradições.

Exemplos de coesão inadequada causando incoerência:

- Fui ao médico e ele me recomendou repouso e uma alimentação mais saudável, porque eu não estou doente.

Agora, tente reconstruir oralmente com seus colegas os exemplos acima de modo coeso e coerente.

2. ELEMENTOS PRAGMÁTICOS

III. Aceitabilidade

É o fator referente ao interlocutor (ouvinte/leitor), pois indica a expectativa do receptor em compreender a mensagem do texto. O sentido não se constrói somente pela intenção do autor, mas também pela abertura e conhecimento de mundo do leitor. Sendo assim, esse fator interfere na compreensão de um produto como texto.

IV. Intencionalidade

Refere-se ao esforço linguístico do locutor (escritor/falante) em expressar a sua mensagem, por meio de um texto coerente e coeso. Todo texto é produzido com algum intuito comunicativo. Quando organizamos bem o sentido, a intenção do autor se faz mais evidente e contribui na compreensão do leitor/ouvinte.

V. Informatividade

É o fator que avalia o equilíbrio entre as novas informações e as informações já conhecidas. Nenhum texto produz um sentido totalmente novo, pois sempre considera conhecimentos já existentes. Entretanto, o texto que somente repete dados conhecidos não acrescenta nada de novo, apresenta-se mais como cópia. O autor, desse modo, deve balancear os conhecimentos que serão retomados e quais novos serão apresentados.

VI. Situacionabilidade

Indica o contexto no qual o texto está inserido, analisando a pertinência ou não da produção textual para a situação comunicativa. Um texto só pode ser reconhecido como tal se ele estiver contextualizado adequadamente.

VII. Intertextualidade

Refere - se aos conhecimentos de outros textos, necessários na utilização do texto usado. A intertextualidade está ligada ao "conhecimento de mundo", que deve ser compartilhado, ou seja, comum ao produtor e ao interlocutor de textos.

Há várias maneiras de usar a intertextualidade. Os mais utilizados são:

1. Paródia: modernamente, Sant'Anna (2003 p.12) define a paródia como um jogo intertextual, mantido por uma relação antagônica com o texto original. O redator desconstrói e desvirtua o pensamento do autor, sem, contudo, perder a identidade do texto fonte. Tem por objetivo satirizar, contestar ou ridicularizar fatos sócio-históricos que ocorrem cotidianamente.

ESSE CARA SOU EU (Paródia de Roberto Carlos)

“Os caras” da vida real

**O cara que pega em seu pé toda hora.
Que conta os segundos que você demora.
Que te chateia e humilha sem se conter.
Como um carrapato, gruda em você,
E no meio da rua faz drama,
De ciúmes, reclama.
Esse cara sou eu.**

**O cara que nega a você um abraço.
Finge sucesso, mas no fundo é um fracasso
Que está d seu lado e olha pra outra mulher.
O marido camuflado de super chofer.
Quase sempre te expõe ao perigo.
Seu pior castigo.
Esse cara sou eu.**

2. Paráfrase: é a réplica de um escrito alheio, posicionado em uma obra com as palavras de seu autor. Esta deve, portanto, esclarecer que o trecho reproduzido não é de sua autoria, citando a fonte bibliográfica pesquisada, a fim de não cometer plágio.

Poema original

AI QUE MOLEZA NO CORPO

Ai que moleza no corpo
Uma vontade de me estender no chão

Deixar que o capim cresça em volta
Deixar que os insetos
Os fungos se abriguem em mim
Estranha alegria de virar uma paisagem.

Bento Nascimento

Paráfrase

AI QUE FRAQUEZA NOS MEMBROS

Ai que fraqueza nos membros

Um desejo de deitar no piso

Permitir que o mato aumente ao redor

Permitir que os insetos

Os fungos se alojem em mim

Desconhecida felicidade vontade de virar paisagem.

Alunos: Isabel e Alifer

3. Tradução: A tradução é considerada uma intertextualidade, pois para traduzir um texto é preciso interpretá-lo e reescrevê-lo da maneira mais próxima ao que pretendia o autor. Isso significa que traduzir uma obra, não é apenas reescrevê-la em outro idioma.

Exemplo: **If you can dream it, you can do it.** (Walt Disney)

Tradução: Se você pode sonhar, você pode realizar.

4. Epígrafe: consiste em um texto inicial, que tem como objetivo abrir uma narrativa. É, portanto, um registro escrito introdutório utilizado como diretriz do discurso central por ser capaz de sintetizar de maneira a modelar a filosofia do escritor.

Observe o exemplo a seguir:

“A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso.” John Ruskin

[Atenção1] Comentário: A epígrafe é opcional, apresentada em folha distinta. É a citação de um pensamento relacionado com o escopo da obra. Pode aparecer após a folha de aprovação ou após a dedicatória e os agradecimentos, se houver. Pode figurar também no início das seções primárias. Não se coloca a palavra “Epígrafe” como título.

5. Alusão: é quando um texto faz referência a uma determinada obra, personagem ou situação que já foram retratadas em outros textos.

Exemplo: **Este é um presente de grego.**

(A expressão faz alusão ao cavalo de madeira repleto de soldados escondidos, que os gregos enviaram aos troianos, como se fosse um presente, por ocasião da Guerra de Troia).

6. Citação: é quando há a transcrição literal de um texto, ou seja, é pegar aquele texto e copiar para o outro. Contudo, é importante conter a indicação do autor original e estar entre aspas. A citação é bem comum em textos acadêmicos como dissertações e monografias.

A **citação direta** é uma cópia do trecho ou frase de obra consultada. Nela as palavras exatas do autor consultado serão incluídas em seu texto.

Nesse caso, você vai transcrever o trecho ou frase, porém vai citar o autor ou a obra, pois caso contrário você cometerá plágio.

Em uma citação direta curta você precisa copiar o discurso do autor de seu interesse e colocá-lo entre aspas duplas para deixar claro que o discurso não é seu.

- Aspas duplas para destacar a frase
- Nenhuma alteração no tamanho da letra ou espaçamento
- O autor da citação deve ser mencionado e isso pode ser feito antes ou depois da citação.

Exemplos de citação direta:

- Assim como disse Abraham Lincoln, “Só tem o direito de criticar aquele que pretende ajudar”.
- “A mudança não acontecerá se nós esperarmos por outra pessoa ou se esperarmos por algum outro momento. Nós somos as pessoas pelas quais esperávamos. Nós somos a mudança que buscamos.” – Barack Obama

A **citação indireta**, é dizer o que o autor de referência disse, porém com suas próprias palavras, ou seja, é fazer uma paráfrase do texto original, reescrever o texto.

Isso geralmente acontece quando após a leitura de um artigo chega-se a uma conclusão semelhante à do autor consultado. Contudo, não é de seu interesse usar exatamente as mesmas palavras e estrutura encontrada no texto em questão.

Assim, ao fazer uma citação indireta, ou seja, reescrever o texto com suas palavras, fica evidente a compreensão da mensagem transmitida pelo autor original.

ATIVIDADES

Questões sobre a 3ª Geração do Romantismo no Brasil:

O texto a seguir é a parte IV do poema “O navio negreiro”.

Faça uma leitura silenciosa e depois releia o texto em voz alta.

Era um sonho dantesco... O
tombadilho
Que das luzernas avermelha o
brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a
noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às
tetras
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas,
espantadas,
No turbilhão de espectros
arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra irônica,
estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão
resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro
enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a
manobra
E após, fitando o céu que se
desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos
nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica,
estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual um sonho dantesco as
sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces
ressoam!
E ri-se Satanás!...

ALVES, Castro. In: GOMES, Eugênio (org.).
Castro Alves: obra completa. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1997

1. Considerando a leitura do poema em voz alta, qual é sua impressão diante do texto? Leve em conta apenas sua percepção sonora.

2. O poema que você leu é construído a partir de uma imagem: a do navio negreiro apresentado como uma “orquestra irônica, estridente”.

- a) Explique a metáfora do navio negreiro como uma orquestra.
- b) Por que no poema a orquestra é caracterizada como “irônica” e “estridente”?

3. Embora se valha de imagens coletivas, como a da orquestra ou a da “multidão faminta”, o poeta individualiza alguns grupos ou pessoas. Qual é o objetivo disso?

Questões sobre elementos da textualidade:

1. O que é textualidade?
 - a) A capacidade de um texto de ser compreendido
 - b) O processo de escrever um texto
 - c) A qualidade de um texto que o torna literário
 - d) Todas as anteriores
2. Qual dos seguintes não é um dos sete princípios da textualidade definidos por Beaugrande e Dressler?
 - a) Coesão
 - b) Coerência
 - c) Intertextualidade
 - d) Autotextualidade
3. Qual é a diferença entre coesão e coerência em um texto?
 - a) Coesão se refere à estrutura gramatical e coerência à estrutura lógica.
 - b) Coesão se refere à estrutura lógica e coerência à estrutura gramatical.
 - c) Coesão e coerência se referem ao mesmo conceito.
 - d) Não há qualquer diferença.

Leia o conto abaixo e responda as questões a seguir:

Bela Adormecida cai em sono profundo após conversar meia hora com homem em balada

Contrariando a velha pergunta “onde estão os príncipes hoje em dia?”, uma porção deles marcou presença em festa de celebridades que ocorreu ontem, na Zona Sul de São Paulo.

Só que todo este charme não surtiu efeito, de acordo com uma foto que circula nas redes sociais. A imagem mostra que Bela, a Adormecida, resistiu aos encantos do príncipe, que parecia estar mais interessado em falar de si mesmo do que qualquer coisa. Ao invés de cair nos braços do rapaz, a princesa caiu nos braços do sofá. “Se o papo já me fez dormir, imagina o casamento”.

Branca de Neve, outra que marcou presença na festa, comentou a situação e defendeu a amiga. “Qual é? Alguém pode atualizar estes caras no quesito cantadas encantadas?”, disse a jovem, que entrou e saiu da festa sozinha, mas garante que se divertiu. “Não comi maçã de bruxa nenhuma, mas conversar com esses caras me deu um sono...”

Enquanto Bela curtiu a noite sonhando com alguém que não perguntasse ‘como vai a princesinha?’, Cinderela, com o sapato na mão, foi embora mais cedo, garantindo que príncipe nenhum usasse a velha desculpa do sapatinho de cristal.

<https://catracalivre.com.br/entretenimento/contos-de-fadas-modernos-ganham-versoes-comicas-na-internet/>

4. O texto acima estabelece intertextualidade com outros textos. Identifique-os.
5. A intertextualidade é produzida de forma explícita ou implícita? Justifique sua resposta.
6. Embora o texto faça referência a contos infantis, ele possui características de outro gênero textual. Identifique-o.

7. Explicite as características que contribuíram para a identificação do gênero textual na questão anterior.

8. No texto, a expressão “cair nos braços” assume dois sentidos. Explique-os.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

LITERATURA

1. Espera-se que os alunos percebam, somente pela leitura em voz alta, que o poema de Castro Alves possui um tom grandiloquente e declamatório.

2a. O aspecto sonoro é importante para a construção da metáfora: os sons do “tinir de ferros”, do “estalar do açoite”, os gritos, o choro, a cantoria, os gemidos, as preces, as risadas etc. corresponderiam aos inúmeros sons emitidos pelos instrumentos que compõem uma orquestra. Além disso, uma orquestra é regida por um maestro, e o navio é conduzido por um capitão responsável pela “dança” e pela “música” dos escravizados. É ele quem ordena: “Vibrai rijo o chicote, marinheiros! / Fazei-os mais dançar!...”. Castro Alves parece ampliar a imagem da orquestra, transformando-a em um espetáculo plural: além do canto, há dança e certa teatralidade. Alguns alunos podem perceber esse detalhe.

b. Os sons emitidos no espetáculo terrível, que é o navio negreiro, embora sejam apresentados como semelhantes aos de uma orquestra, estão relacionados à dor, ao sofrimento e ao extermínio de um povo, o que não causa nenhum prazer ao eu lírico nem aos leitores; daí a ironia.

3. A individualização favorece o estabelecimento da empatia entre o leitor e as pessoas que vê sofrendo, o que contribui para seu convencimento acerca da validade da crítica à escravidão.

FATORES DA TEXTUALIDADE

1. A

2. D

3. A

4. No texto, há referência aos contos infantis Branca de Neve, Bela Adormecida e Cinderela.

5. A intertextualidade é produzida de forma explícita, pois são mencionados, diretamente, os nomes das personagens principais dos contos a que faz referência.

6. O texto se assemelha ao gênero textual notícia ou reportagem.

7. Essa identificação é possível através da estrutura do texto e da narração de fatos em 3ª pessoa.

8. Nos contos de fadas, “cair nos braços” significa se apaixonar pelo príncipe. No texto, “cair nos braços do sofá” recebe o significado de ter sono excessivo, de dormir.

REFERÊNCIAS

Livro Didático “Ser Protagonista – Língua Portuguesa”, PNLD 2021 do Ensino Médio:

- *Unidade 1 - Capítulo 2 - Literatura Negra: Resistência e (RE)Existência pela palavra - páginas 41 a 46.*

PDF disponível em:

<https://pnld.smeducacao.com.br/LivrosObjeto2/L%C3%ADngua%20Portuguesa%20%20%20PNLD%202021%20Objeto%20II%20%20SM%20Educa%C3%A7%C3%A3o/Lingua%20Portuguesa.pdf>

Acesso em: 19 de março de 2024.

Acesse também:

https://www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/1919/1591715193jxQSPtZ6.pdf

https://www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/1919/1591715193jxQSPtZ6.pdf

